

A comida e o sujeito na memória humorística:
circulação de sentidos na *Encyclopedia do riso e da
galhofa em prosa e verso, repertorio de anedotas
joviae, nacionaes e estrangeiras*

Food and subject in humour memory: meanings circulation in
*Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso,
repertorio de anedotas joviae, nacionaes e estrangeiras*

La comida y el sujeto en la memoria humorística:
circulación de sentidos en la *Enciclopedia de la risa y del
escarnio en prosa y verso, repertorio de anécdotas joviales,
nacionales y extranjerias*

Phellipe Marcel da Silva Esteves
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo

Neste artigo investigamos de que modo os sentidos sobre comida e sujeito se constituem conjuntamente na *Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso*, de 1863, um compêndio narrativo de piadas que foi uma das primeiras enciclopédias a serem produzidas, publicadas e a circularem no Brasil. Com o aporte teórico da Análise de Discurso, veremos como a memória europeia está presente no discurso sobre a comida no Brasil e como ela vai significando os corpos, a divisão social, o que pode e deve servir como alimento, quem pode comer e quem deve cozinhar etc.

Palavras-chave: discurso sobre comida e alimentação, enciclopédias, memória.

Abstract

In this article, we investigate in which ways the senses about food and subject constitute themselves mutually in the 1863's *Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso*, a narrative abridgment of jokes that was also the first encyclopedia to be produced and published and to circulate in Brazil. With the theoretical contribution of Discourse Analysis, we will observe how the European memory inscribes itself in the discourse about food in Brazil, and how it goes giving meaning to the bodies, to the social stratification, to what can and shall serve as nourishment, to who can eat and who shall cook etc.

Keywords: Discourse about food and nourishment, encyclopedias, memory.



Resumen

En este artículo investigamos de qué manera los sentidos sobre comida y sujeto se constituyen conjuntamente en la Enciclopedia de la risa y de la gallofa en prosa y verso, de 1863, un compendio narrativo de chistes que fue una de las primeras enciclopedias a ser producidas, publicadas y a circular por Brasil. Con el aporte teórico del Análisis de Discurso, veremos cómo la memoria europea está presente en el discurso sobre la comida en Brasil y cómo va significando los cuerpos, la división social, qué se puede y se debe servir como alimento, quién puede comer y quién debe cocinar, etc.

Palabras clave: discurso sobre comida y alimentación, enciclopedias, memoria.

Introdução

Foi só com a chegada da corte real portuguesa ao Brasil, em 1808, que tanto a imprensa quanto as editoras brasileiras puderam ser fundadas. Desde então, surgem numerosos jornais e casas de publicação de livros. Os livros publicados guardaram vivos, por décadas, os sentidos produzidos pela posição portuguesa sobre o Brasil e seus habitantes não europeus: índios e negros eram significados em oposição ao homem civilizado da Europa, e mesmo as populações camponesas do Brasil ganhavam sentidos de inferiores à população das cidades, essa, sim, educada, privilegiada, com modos à mesa, conhecedora de pratos que não alcançavam outras regiões do Brasil. O sujeito vai sendo significado a partir daquilo que se diz que ele come e a partir daquilo que se diz que ele deve comer. Sobretudo nessa que é uma das primeiras enciclopédias brasileiras, a *Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso* (PECHINCHA, 1873 [1863]) –*ERG* – um compêndio de narrativas humorísticas, donde recortamos os textos em que a questão da comida e da alimentação era abordada. Nas análises das sequências discursivas extraídas da *ERG*, pretendemos analisar como os discursos sobre comida e alimentação das enciclopédias do Brasil surgem, e de que modo os sentidos lá produzidos fundam as matrizes que discursivizam comida e alimentação – e, conseqüentemente, sujeito (brasileiro ou não) – no Estado nacional.

1. Da primeira enciclopédia (esquecida) do Brasil: a *Encyclopedia do riso e da galhofa* (1863)

O Brasil, uma nação jovem na segunda metade do século XIX, e ainda império, recebia suas primeiras publicações, num mercado editorial em pleno crescimento, apesar de uma população em sua maioria analfabeta. Esses livros começam a produzir um saber sobre aquilo que deve ser considerado nacional – não necessariamente numa oposição à imagem do Brasil colônia, mas numa conjuntura histórica pós-independência –, e vão dando contorno, forma, sentido àquilo que vai ser discursivizado como comida e alimentação no Brasil, às vezes se deslocando da memória discursiva portuguesa, às vezes se inscrevendo nela. O sujeito, ao pedir, saborear, elogiar e criticar os pratos que lhe



são servidos, não está simplesmente descrevendo sensações, mas já está se identificando com aquilo que pode e deve ser comido, com aquilo que pode e deve ser apreciado. Desse modo, aquilo que diz (e que lhe é dito) *comer* e aquilo que diz (e que lhe é dito) *de que se alimenta* o constitui como sujeito – e esse sujeito é discursivizado como humano, conferindo-lhe sentidos que lhe permitem pertencer a sua espécie animal, e muitas vezes como sujeito nacional, identificando-o às características necessárias para fazer parte de uma nação –, visto que é discurso, materialidade ideológica, produção de evidência. Além de o discurso sobre comida e alimentação constituir o sujeito, ele provoca o efeito de nacional, de sujeito nacional.

Em “Vão surgindo os sentidos”, Orlandi (2003) tematiza a constituição discursiva do desconhecido, do chamado Novo Mundo, daquilo que, embora já tivesse e fizesse sentido para alguns sujeitos, precisava ser aprendido por outros sujeitos, os desbravadores, os colonizadores portugueses. Num processo discursivo que busca silenciar a memória pré-colonização – mas não consegue apagá-la – e parafrasear a memória discursiva europeia para significar o Brasil, o “sem-sentido” de um Brasil ainda sem nome(s) para suas práticas, seus referentes, seus pratos, alimentos e comidas se metamorfoseia em COM-SENTIDO:

Era então preciso dar nomes, tornar visível, esclarecer (clarear) e domesticar o acontecimento que era esse encontro com o desconhecido, o Novo Mundo. Tornar familiar a paisagem hostil, onde era impossível mesmo reconhecer as espécies naturais (ORLANDI, 2003, p. 15).

O deslocamento da memória europeia para a instauração de uma outra “região do repetível” não significa continuar a história europeia como se ela tivesse se bipartido a partir da chegada dos europeus às Américas. Significa, ainda de acordo com Orlandi (2005), instituir uma heterogeneidade em que trabalha um fundo falso de memória, ou seja: ilusoriamente existe a bifurcação histórica, num imaginário de que existem apenas uma raiz e, conseqüentemente, suas ramificações. Como se as línguas faladas em Portugal e no Brasil significassem da mesma maneira, numa mesma memória.

Em condições de produção que ainda não permitem dizer de *comida brasileira*, já se diz, como vemos no subtítulo da *Encyclopedia do riso e da galhofa*, no entanto, de um “repertório de anedotas [...] nacionais” (PECHINCHA, 1873 [1863], folha de rosto), e também se instrumentalizam (AUROUX, 1998) metassaberes sobre o preparo da comida por parte dos então escravos, dos camponeses, dos subalternos na formação social brasileira. Vale ressaltar desde já de que modo a Análise de Discurso conceitua “formação social”, bem como formação ideológica e formação discursiva:

Aqui surge uma dificuldade que os teóricos marxistas conhecem bem: a de caracterizar as fronteiras reais dos objetos reais que correspondem aos conceitos introduzidos (p. ex., formação ideológica, formação discursiva, condições de produção). [...] quantas formações ideológicas existem numa formação social? Quantas formações discursivas pode conter cada uma delas etc.? [...] uma discretização de tal ordem é radicalmente impossível (FUCHS ; PÉCHEUX, 1990 [1975], p. 168)

Pêcheux e Fuchs estavam alerta à dificuldade de se discretizarem, ou seja, de se contabilizarem como corpos homogêneos, numa formação social (conceito oriundo do materialismo histórico, que prevê a existência de traços de funcionamento com-dominante das sociedades que as fazem ser estruturadas em formações heterogêneas), quantas formações ideológicas (que regulam as práticas nas formações sociais, dando sentidos evidentes e óbvios à realidade) e quantas formações discursivas (matrizes de sentido que determinam aquilo que pode e deve ser dito numa formação ideológica) podem existir numa formação ideológica. Tais noções de imbricam e sua porosidade nos permite instrumentalizá-las para que, em nosso material de trabalho, apreendamos aquilo que pode e deve ser dito sobre comida e alimentação na *ERG*.

Como o *corpus* deste artigo é composto por um instrumento linguístico voltado à piada, ao humor, ao cômico, analisaremos também os efeitos de sentido provocados pelo riso na enciclopédia. É extremamente significativa que a primeira enciclopédia brasileira tenha sido marcada pelo riso. Esse efeito ressoará no discurso sobre comida e alimentação nelas presente.

A historiografia sobre enciclopédias no Brasil (OLIVEIRA; SILVA, 2011; VALLADÃO, 1942) atesta que o primeiro instrumento linguístico desse tipo a ser publicado no Brasil foi a *Encyclopedia popular: leituras uteis*, de 1979. Em nossas pesquisas nos acervos, contrariamente, pudemos encontrar outra enciclopédia com data de publicação anterior à *Popular: a Encyclopedia do riso e da galhofa*.

A *ERG* afirma, na folha de rosto de seus volumes, ter sido organizada e “oferecida aos inimigos da tristeza” por Panfuncio Semicupio Pechincha — pseudônimo do escritor e editor Eduardo Laemmert, originário do Grão-Ducado de Baden, mas radicado no Brasil. Foi coproprietário, com seu irmão, de uma das duas maiores casas editoriais do Brasil em meados do século XIX, a E. & H. Laemmert.

Tal enciclopédia foi organizada segundo um modo de consulta diferente do dos instrumentos linguísticos produzidos na Europa, sobretudo em Portugal, naquele momento histórico. Conforme afirma Auroux (2008, p. 14), “o gênero enciclopédico existia desde a Antigüidade”, mas D’Alembert e Diderot fazem desse tipo de obra uma espécie de dicionário, por o organizarem em ordem alfabética. A enciclopédia organizada pelos dois também promove uma reorganização na divulgação das coisas-a-saber – conceito de Pêcheux (2006 [1983]), para quem haveria conhecimentos que fariam falta à vida do sujeito, que organizariam suas práticas sociais e que, portanto, seriam obrigatórios – por disseminar o conhecimento sobre os fatos históricos, a ciência, as artes conforme eram entendidos na época, e fazendo uso do discurso legitimador da ciência: daí o expediente dessa primeira enciclopédia ter sido formado por tantos cientistas, filósofos, intelectuais, pensadores etc.

Apesar da estabilização do funcionamento discursivo do instrumento linguístico enciclopédia pela Europa, o discurso sobre comida e alimentação nas enciclopédias brasileiras é inaugurado num instrumento integralmente debruçado a, conforme exposto no Preâmbulo da obra, “bons ditos, casos chistosos, apophthegmas” (PECHINCHA, 1873

[1863], p. IX), que seriam “o mais delicado parto das inteligências finas” (ibidem) e voltados a um público de doutos, cortesãos, lavradores e sapateiros (idem, p. XI). Ser uma enciclopédia inscrita na ordem do riso – riso que não necessariamente é transgressor, de vez que seus sentidos podem se filiar à formação discursiva dominante, como veremos nas análises –, e não da divulgação científica, não significa, na obra, se afastar dos propósitos de outras enciclopédias. A *ERG* se afirma “de grande instrução para o público” (idem, p. X) e alega reunir “em uma só palavra ou em muito poucas, muito de entendimento, de graça ou de malícia” (ibidem), agregando, ao mesmo tempo, o *ensino aos ignorantes* e a *consolação aos tristes* (idem, p. XIII), nas palavras expressas ainda em seu “Preâmbulo”. Portanto, o riso da *ERG* se inscreve num projeto também civilizatório, comum às enciclopédias, ainda que sem a legitimação do discurso científico e a organização alfabética dos verbetes: a *ERG* se divide em 2.648 artigos. E não obstante o apagamento do instrumento da historiografia sobre enciclopédias no Brasil, os sentidos nele produzidos sobre comida e alimentação continuaram a circular.

Para a entrada no corpus da *ERG*, fizemos a leitura de todo o seu primeiro volume da obra. Como essa enciclopédia não se organiza em verbetes, selecionamos os artigos que produzissem sentidos – no título e no corpo do texto – sobre comida e alimentação. Só tivemos acesso à sua segunda edição, ampliada em 1973.

Ainda que não disponhamos de dados oficiais do número de exemplares impressos e vendidos da referida enciclopédia – o que por si só já significa, também, como temos visto, um apagamento da *ERG* como primeira enciclopédia do Brasil –, é difícil contestar que os sentidos nela produzidos ganharam grande repercussão e circulação:

Embora as críticas de [Monteiro] Lobato possam denegrir a obra, que seria, na opinião do autor, incapaz de fazer o leitor rir, a referência direta feita pelo escritor às publicações dos Laemmert indica que elas conquistaram um público leitor amplo e permaneceram no imaginário popular ao longo de muitos anos (DONEGÁ, 2012, p. 26).

Como esse humor significa já é outro assunto, que discutiremos à frente, para analisarmos os sentidos sobre comida e alimentação na *ERG*. Para tanto, os artigos que entraram em nosso recorte foram: “90. Petisco de fígado”, “202. Um bom caldo”, “244. Os pastelinhos”, “323. As ostras e os camarões”, “334. Os víveres”, “373. [Sem título]”, “382. O vinho quer-se velho”, “445. O Padre e as pimentas”, “522. Que tal?”, “558. Contricção de um guloso” e “587. Um caldo fará quebrar o jejum?”

Neles, selecionamos sequências discursivas cujo funcionamento jocoso será investigado. Notaremos, desse modo, o discurso que a *ERG* instaura sobre comida e sobre alimentação, e também procuramos identificar que regularidades podem ser encontradas nesses artigos. Identificaremos essas sequências pela sigla $ERG_{n(y)}$, sendo n o número da sequência e y o número do artigo de que ela foi extraída. Nossas sequências foram recortadas segundo critérios de manutenção de seu efeito de objeto acabado e de unidade textual (ORLANDI, 1996), para somente depois serem dessintagmatizadas e assim

apreendidos serem seus processos discursivos. Na *ERG*, desde o princípio, procuramos entender quais são os sentidos que se julgam produzir o riso, o humor, uma vez que é essa a imagem de efeito que a enciclopédia projeta sobre si mesma.

2. A comida e o sujeito risíveis: tabu, proibição, excessos, corpo, servidão

A *ERG*, por ser uma enciclopédia dividida em artigos narrativos, e não em verbetes, requer uma apresentação que corresponda a seus efeitos de completude. Trabalhamos, ao longo de nossas análises, para fins de organização, então, com dois procedimentos: (1) o recorte do material da *ERG*, com a numeração das sequências respeitando a ordem das páginas da enciclopédia; (2) interpretação dessas sequências e de sintagmas nelas presentes de modo individual ou, quando havia alguma regularidade presente em mais de uma sequência, sua apresentação e investigação conjuntas, com o propósito de auxiliar o entendimento de que posições discursivas – ou seja, que modos de inscrição nas formações discursivas – a comida e a alimentação recebem seus sentidos e vão significando os sujeitos.

Damos início às transcrições das narrativas dos artigos com o material que recebeu o título de “Petisco de fígado” na *ERG*:

90. Petisco de fígado

*ERG*₁₍₉₀₎ [extrato]: Reunidos que forão os facultativos, o primeiro cuidado do dono da casa foi regala-los com um bom almoço. Acabados os comes e bebes que lhes souberão que nem gaitas, o doutor entrando na questão annunciou-lhes que acabára de tratar de um doente, que, como se achava perfeitamente morto, não precisava mais dos seus conselhos; porém que a autopsia tinha deixado observar que o fígado era de um tamanho extraordinario, e merecia por isso particular menção nos annaes do mundo medico. Chamando então pelo cozinheiro, ordenou-lhe o doutor que fosse buscar o fígado que lhe tinha dado a guardar em um lugar fresco da casa (...) § « Que lhe fiz? diz o preto. Como eu esperava um numero de convidados superior ao que pensava, quis fazer mais um petisco ; e como não sabia de nada, julguei que o fígado era de vitela, e... » Palavras não erão ditas, o amo e os seus antropophagos convidados introduzem os dedos nas guelas, e tocão a vomitar! (p. 102-105)

Nossas primeiras análises desses artigos narrativos concentram-se em responder a como, pelos processos anafórico e de designação – pensados discursivamente conforme veremos em breve –, as comidas e os alimentos são significados e, mais ainda, o que vai sendo posto como comida e como alimento na *ERG*. Com isso, também observaremos que objetos são semantizados como da ordem da não comida ou de uma comida menor. Fundamentamo-nos na noção de *designação* formulada pelo semanticista Eduardo Guimarães, para quem a enunciação é afetada pelo simbólico: “Um nome, ao designar,

funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte” (GUIMARÃES, 2003, p. 54). Assim, os nomes usados para designar os alimentos e comidas nos artigos humorísticos da *ERG* significam também as relações sociais presentes nas práticas históricas de se alimentar e de comer, bem como demonstram tabus, pratos valorizados, ingredientes depreciados (ou nem mesmo semantizados como tais) etc. Apresentar essas designações é uma forma de entendermos como vão se produzindo os atributos das comidas e dos alimentos: seus sabores obrigatórios, os itens culinários prediletos, os artigos proibidos e/ou proibitivos etc.

É o caso, por exemplo, do fígado humano que é comido por engano como fígado de vitela por um médico e seus colegas ao longo do enredo da *ERG*₁₍₉₀₎, cujas relações de designação e anáfora retomamos a seguir:

*ERG*₁₍₉₀₎ [extrato]: a autópsia tinha deixado observar que o fígado era de um tamanho extraordinario (...) § ordenou-lhe [ao cozinheiro] o doutor que fosse buscar o fígado (...) § « (...) julguei que o fígado era de vitela (...) » (...) que depois de mortos lhes devorem os fígados, é cousa insupportavel [sublinhas nossas]

A antropofagia é condenada em absoluto na piada, significada como “insupportavel” pela predicação, e é exatamente a equivocação que provoca o efeito de risível na mesma: “O jogo de palavras trai portanto um desvio momentâneo da linguagem e por isso, de resto, é que se torna engraçado” (BERGSON, 1983, p. 59). É o próprio jogo de palavras de “fígados” [humanos] e “fígado [...] de vitela” que permite a graça. Ao longo da análise deste artigo, tivemos dúvida se “fígado [...] de tamanho extraordinario”, também presente na *ERG*₁, deveria compor o quadro de relações anafóricas entre as designações do prato que fora servido pelo anfitrião, porque, nessa sequência, ainda é insabido pelos comensais médicos que o órgão humano serviu de petisco para o jantar. Relendo Bergson pela AD, o que há na piada são sentidos em confronto, embora com possibilidade de dominância de um e, assim, uma imagem de sentidos estáveis. Consideramos que, entre o desencontro inicial e a posterior fusão que se dá discursivamente entre o “fígado [...] de vitela” e o tal fígado humano, há um embate entre o que é permitido e aquilo que é proibido na alimentação do sujeito, e isso ocorre em diferentes sequências discursivas: o encontro das duas é o que vai provocar o tal “jogo de palavras” de que fala Bergson, e que consideramos ser um confronto de diferentes memórias. Ainda assim, mesmo sem os comensais saberem, de antemão, que era justamente o fígado de tamanho extraordinário que comiam, interessa-nos o efeito-leitor, como o sujeito que lê o material da *ERG* (se) constitui (n)os sentidos para a (não) comida do artigo em questão. Orlandi ressalta que o processo de leitura é permeado pela historicidade, pelo fluxo de outras leituras, pelo embate de sentidos entre diferentes discursos: “Considero que toda leitura tem sua história” (ORLANDI, 1996, p. 213-214).

Com isso, resolvemos também incluir “fígado [...] de tamanho extraordinario” como uma designação da (não) comida que é apresentada na sequência *ERG*₁₍₉₀₎: embora os personagens envolvidos no artigo não soubessem da alimentação-tabu em que

estavam se envolvendo ao comerem fígado humano, o leitor do material risível já vasculha – inscrito numa prática humorística sedimentada por leituras que englobam a equívocidade, a heterogeneidade, a polissemia – de que ele pode rir: fígado, ao mesmo tempo, designa um órgão vital e o ingrediente elaborado a partir desse órgão vital: trata-se de dois referentes discursivos construídos em separado, mas que possuem uma continuidade que permite o equívoco. Diríamos, então, que o leitor da piada, da anedota, porventura até de uma charada, não se depara com uma surpresa, com um insabido escondido, mas com uma (não) obviedade recoberta, uma evidência travestida discursivamente de dúvida que, quando descoberta na língua, provoca o efeito risível, deslocando ou não. Portanto, na leitura da sequência $ERG_{1(90)}$, já é possível, desde o título (“Petisco de fígado”), que o leitor se choque, nas retomadas anafóricas da designação do prato oferecido aos comensais, com o encontro entre pelo menos três memórias discursivas na materialidade da piada.

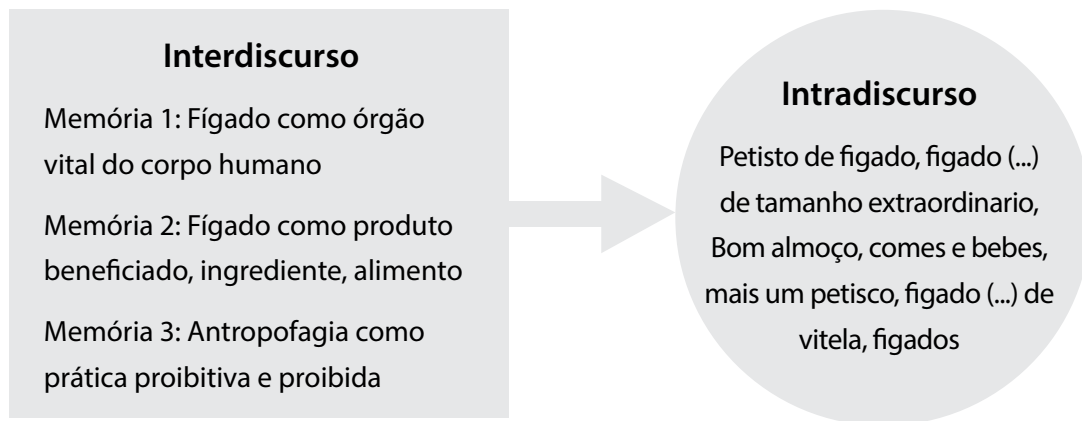


Figura 1: Encontro de interdiscurso e intradiscurso na ERG

Essa configuração de encontro de diferentes memórias num mesmo intradiscurso é marcante no funcionamento do material do riso: daí é que podemos teorizá-lo como uma materialidade de fundo falso, em que é possível uma grande variedade de leituras entrecortadas por distintas memórias, duma mesma formação discursiva ou não.

Vale ressaltar que há, até hoje, e talvez de modo muito mais circulante no século XIX, uma memória que vincula a antropofagia a práticas alimentícias indígenas. Analisados desse modo, os sentidos da sequência do artigo 90 da *ERG* se inscrevem numa posição discursiva que, ao dizer o que não deve ser comido, também diz do sujeito que (não) come. No final da $ERG_{1(90)}$, o protagonista do artigo, o médico anfitrião, perpetra: “« Senhores, que seja permitido ao medico despachar para o outro mundo os seus doentes, é da arte, e está na ordem ; mas que depois de mortos lhes devorem os fígados, é cousa insupportavel ! »” (p. 104-105, sublinhas nossas). Portanto, apesar de o fígado humano – antes de ser revelado explicitamente que se tratava de um fígado humano – ser apresentado como “Bom almoço” no mesmo artigo, o que nele está em jogo quanto ao discurso sobre a comida não é o sabor de um prato ou suas qualidades digestivas, mas a proibição, o tabu,

tabu que remete tacitamente ao índio, em suas práticas ditas antropofágicas, e que é realçado pela designação dos personagens do artigo: “Palavras não erão ditas, o amo e os seus antropofagos convidados introduzem os dedos nas guelas, e tocão a vomitar!” (sublinhas nossas). A questão da comida, nessa sequência, pode ser tratada, portanto, não como um problema de diversas designações para um prato – assim significando-o, temporalizando-o, historicizando-o diferentemente –, mas um funcionamento de mesma designação para dois referentes discursivos, construídos um de modo a permitir, outro de modo a proibir. Permite-se que se coma fígado (animal, e não de qualquer animal), proibi-se que se coma fígado (humano, principalmente do europeu branco). Inscritos nessa mesma prática discursiva que separa aquilo que é comida daquilo que não é estão os artigos 323 (ERG₄) e 445 (ERG₈). Vamos ao primeiro deles:

323. As ostras e os camarões

ERG₄₍₃₂₃₎: Um caipira foi a uma cidade de beira mar, e hospedou-se em uma das melhores casas do lugar Ao jantar, além de varios guisados, vio ele ostras e camarões ensopados, que não quis comer, e se pôz a cuspir. § — Que dianho de terra é aquella ! forte porcaria ! § — Então porque ? perguntarão-lhe. § Pois não! vem na mesa bicho cozido para se comer! (p. 272, sublinhas nossas, grifos do original)

Na ERG₄₍₃₂₃₎, satura-se discursivamente a imagem de que o “caipira” é um sujeito que desconhece a culinária e a gastronomia metropolitanas e, ao mesmo tempo, se afirma a imagem de que o metropolitano, o cosmopolita, o cidadão urbano no Brasil não é o interiorano, mas o litorâneo, aquele que pode comer frutos do mar. Isso se dá principalmente na oposição “caipira” x “cidade de beira mar”, que é construída por meio do desconhecimento e mesmo do nojo da comida da cidade, numa prática discursiva que engendra dois campos semânticos: um representado pelo próprio significante “caipira” e pelos itálicos em “dianho de terra” e “bicho cozido” – cujos funcionamento e efeito analisaremos à frente –, outro pelos significantes que se relacionam àquilo que é urbano e, portanto, poderia/deveria ser conhecido pelo caipira:

Caipira	Cidade de beira mar
[Itálicos]	varios guisados, ostras e camarões ensopados, <i>dianho</i> de terra, forte porcaria, vem na mesa <i>bicho cozido</i>

Figura 2: O funcionamento do itálico no discurso sobre comida e alimentação da ERG (elaboração própria com base em PECHINCHA, 1873 [1863], p. 272)

Recorremos, para explicar o itálico, à teoria da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990, 1998). A linguista reflete sobre dois modos de heterogeneidade que incidem diretamente sobre a prática languageira: (1) a *heterogeneidade constitutiva*: um pressuposto teórico irrepresentável no fio discursivo que remete ao descentramento do sujeito, à impossibilidade de ele ser o dono, o senhor, o centro de seu dizer. Em suas

palavras, há outras palavras, de outros discursos, que fornecem sentido àquilo que diz, na ilusão de que é possível controlar aquilo que se fala e os efeitos provocados pelo dizer, ainda que essa heterogeneidade não seja representável¹, (2) quando tudo mais falha – ou seja, quando o sujeito se depara com a impossibilidade de tudo dizer, do bem-dizer, do saber-dizer, do único dizer, da monossemia do dizer –, o conceito de *heterogeneidade mostrada/representada*, que é um modo de se teorizar sobre os fenômenos enunciativos em que é possível identificar a presença de heterogeneidade sobre o dizer. Essa identificação pode se dar com um reflexo das palavras sobre elas mesmas e também com formas que poderiam ser tomadas, em outras perspectivas teóricas, como extralinguísticas: é o caso dos itálicos, dos negritos, das sublinhas, das aspas etc. Como afirma Medeiros (2003, p. 151),

mecanismos tipográficos que funcionam como dispositivo de semiotização do dizer do outro. Que retiram a palavra do outro da ordem da padronização do texto, isto é, da sua integração total ao texto, para colocá-las em evidência: visual.

Com o itálico, o trecho que se desvincula do padrão tipográfico utilizado não apenas é enfatizado, mas também se destaca de um padrão que provoca o efeito de univocidade e homogeneidade ao texto. O itálico é uma quebra, uma incorporação marcada – no sentido de marca de corpo estranho no corpo íntegro – de algo que se joga completo sem esse itálico, mas que evoca um outro.

O uso do itálico em *bicho cozido* representa então uma marca de heterogeneidade marcada (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29), uma modalização autonímica tipograficamente alterada pelo narrador do artigo dentro da fala do próprio caipira:

Assinalamos aqui o que foi chamado em [1] de ‘ilha textual em DI’ [discurso indireto], que é apenas um caso de imagem particular de funcionamento do sinal de modalização autonímica: aquele extremamente freqüente na imprensa, em particular, na qual um DI, relatando um outro ato de enunciação num modo que é o seu, ou seja, o da reformulação, assinala, localmente, um elemento como ‘não-traduzido’, como fragmento conservado da mensagem de origem [...]. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 142; colchetes nossos)

Tal ilha textual da ordem do intraduzível se insere como elemento alienígena no fluxo sem itálicos do texto, e é conservada a partir da imagem que se faz do próprio personagem recuperado pelo narrador na reprodução de seu comentário. Os efeitos? O discurso direto da fala do sujeito caipira parece se desencontrar com o discurso da *ERG*, um discurso urbano, metropolitano, litorâneo, de um sujeito que se alimentaria de frutos do mar como comida cotidiana, bem-conhecida e apreciada. No mesmo, há uma diferença. Marcar a fala do tal sujeito caipira com itálico também produz o efeito do risível, do reforço do preconceito da enciclopédia em seu discurso jocoso.

Enquanto uma enciclopédia tradicional legitima o conhecimento lá divulgado por

1 Para tal, Authier-Revuz retoma os trabalhos de Michel Pêcheux e Jacques Lacan.

meio de pesquisas científicas, o discurso jocoso de uma enciclopédia humorística recupera quais são os sentidos dominantes inscritos em dada formação discursiva, e pode ou não promover uma ruptura. Como estamos trabalhando com enciclopédias, podemos dizer que esse discurso humorístico funciona de modo a explicitar mais sentidos para os objetos que figuram no material de riso – em nosso recorte, a comida e a alimentação –, mas salientando os sentidos dominantes daquilo que deve ser comido, deve ser experimentado, pode ser saboreado. Enciclopédias que se propõem humorísticas, antes de provocarem um efeito de selamento, de fixação, de estabelecimento dos sentidos, vão além, evocando sentidos outros, que se chocam contra os dominantes e podem até se sobreporem a eles, dependendo da materialidade. Não é o caso nas sequências que ora analisamos.

O efeito risível do preconceito contra os caipiras é dado justamente no uso do itálico. Para Authier-Revuz (ibidem), no caso que estamos tratando aqui – o *itálico* –, “o fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso [...]. [...] o fragmento designado como um outro é integrado à cadeia discursiva sem ruptura sintática” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29). Segundo a linguista, quando não há glosas que confirmem significado ao itálico – como um “conforme escrito na língua X” ou “na falta de termo mais adequado” –, o efeito de exterioridade é dado no próprio discurso.² A não coincidência de *bicho cozido* com comida e a marcação também do vocativo “*Dianho*” com itálico, na mesma sequência (ERG₄), mostram que a enciclopédia representa a imagem de um sujeito caipira que desconhece tanto comida quanto língua: ele é um ignorante, portanto, no sentido culinário-gastronômico e linguístico-idiomático.

Na mesma sequência, assim, comparecem como comidas os guisados, ao contrário das tais ostras e camarões cozidos, retomados anaforicamente como *bichos*, e figuram aqui as imagens daquilo que é ser sujeito urbano – esclarecido linguística e culinariamente – e daquilo que é ser sujeito rural, caipira – ignorante nessas mesmas direções. Esses mesmos efeitos de que o não litorâneo é inferior é corroborado na seguinte sequência:

334. Os víveres

ERG₅₍₃₃₄₎: Um sujeito, queixando-se a alguns amigos da carencia dos generos alimenticios de sua terra, disse com toda ingenuidade: — Os viveres nesta nossa terra são muito mais caros que no Rio de Janeiro ; lá eu sempre compro bons feixes de capim muito mais baratos que os nossos.

2 Os textos que estamos analisando na ERG se inserem nas condições de produção abordadas por Medeiros: “[...] cabe sinalizar que os séculos XIX e XX assistem uma revolução tecnológica no domínio do discurso relatado (CATCH, 1996: 77). Aparece uma profusão de sinais de circunscrição da palavra do outro: alguns são criados; outros ressignificados, como é o caso das aspas que ampliam suas funções. À guisa de explanação, as aspas já existiam na Idade Média (*idem*) com outros sentidos e funções. Por exemplo, elas marcavam um comentário crítico, “um acréscimo requerendo uma atenção especial sobre um fragmento do texto” (AUTHIER-REVUZ, 1998: 373); a partir do final do século XVIII, passam a servir para indicar a alternância de vozes do DD [discurso direto]” (MEDEIROS, 2004; colchetes nossos). Assim, o itálico também é um recurso de marcação não apenas do discurso relatado, mas do discurso de alteridade, daquele que não coincide com o discurso mesmo.



(p. 279; itálicos do original, sublinhas nossas)

Nessa ERG₅, o funcionamento do itálico se dá de modo similar ao da ERG₄: há ali a presença de uma perturbação no fio discursivo, uma desacomodação da regularidade gráfica, e a heterogeneidade é marcada novamente na fala de um sujeito doutra terra que não o litoral, no caso, a metrópole do Brasil dos 1900, o Rio de Janeiro. Trata-se da marca de “feixes de capim”, que são identificados, anaforicamente, como os gêneros alimentícios que faltam em sua terra, ou, no caso, que são muito mais caros fora da capital. O enquadre de *gêneros alimentícios, víveres e feixes de capim* – principalmente com o destaque em itálico que o texto lhe dá – no mesmo campo semântico é a aposta do riso nessa sequência. A equivocação do não carioca ao tratar os feixes de capim como gênero alimentício instaura/reforça a imagem de um não cidadão (como foi o caso do caipira) ignorante no que diz respeito à comida. Ao mesmo tempo, a sequência se inscreve numa memória de que capim é alimento de mamíferos de pecuária e/ou transporte, como bois, cabras, porcos, cavalos, asnos. O sentido de ignorância, “ingenuidade”, bestialidade conferido ao não cidadão é ainda mais intensificado com uma espécie de autodeclaração, por meio do uso do discurso direto, de que ele pertence a esse grupo de mamíferos outros, que não humanos.

Vejamos agora a ERG₈, em que também se constitui uma separação entre aquilo que é comida e aquilo que não é — ou pelo menos entre aquilo que é ingrediente e aquilo que é extra, à parte, condimento:

445. O Padre e as pimentas

ERG₈₍₄₄₅₎: Um capitão-mór de Angra dos Reis recebeu em sua casa um padre que vinha a morrer de fome, e mandou ministrar-lhe o necessario para refazer-se. § Já no meio do jantar virou-se o padre para um dos escravos: § — Meu negro, disse elle, vê se me arranja umas pimentas? § — Tira os pratos, gritou o capitão-mór, que o padre já não tem fome, pois se lembra de pimentas. (p. 369; sublinhas nossas)

Nessa sequência, o significante “fome” é o que marcará a discursivização daquilo que é comida em relação àquilo que não o é. A satisfação da fome é equiparada ao “necessario para refazer-se”. Assim, a fome é pensada de uma posição discursiva que prioriza a energização do corpo e a opõe à vontade de comer mais, além daquilo que é supostamente cobrado pelo corpo para a reposição energética: como se essa fosse uma sensação apreensível pelo sujeito, senhor de seu corpo, de suas vontades, de suas necessidades fisiológicas.

O personagem que sente fome na sequência é um padre e, no artigo, ativa-se uma memória de que padres são (ou deveriam ser) comidos, fazem uso (ou deveriam fazer) apenas daquilo que é imediatamente necessário para suas funções corporais. Logo à frente na sequência, dá-se outra relação que nos interessa: a oposição entre “o necessário para refazer-se” e “pimenta”, que é discursivizada como da ordem daquilo que dá sabor, e não

sustento corporal.³ Para além dos sentidos para o significante “pimenta” que discutimos na nota de rodapé anterior, podemos dizer que há outras duas posições que se alinham aqui, na ambivalência designativa desse significante:⁴ uma que discursiviza a comida e a alimentação como da ordem daquilo que dá sabor, outra que lhes confere um sentido de sustento corporal, de nutriente. Em “o padre já não tem fome, pois se lembra de pimentas”, a relação de explicação é bem clara: a oração explicativa “pois se lembra de pimentas” se coordena a “o padre já não tem fome” significando o limite da fome. Em outras palavras, o limite da fome, na sequência, seria a pimenta – seja ela comida/alimento/condimento, seja a profissional da prostituição –: se o corpo já pede pimentas, é porque já foi fornido com o que de mais importa. Essas posições se chocam para definir, também, aquilo que pode e deve ser comido, mas por critérios diversos. É como podemos conferir também na ERG₁₀:

558. Contricção de um guloso

ERG₁₀₍₅₅₈₎: Devorou certo glotão / Á ceia imenso pescado ; / Só perdoou a cabeça, / E ficou abarrotado. // Seguiu-se á bruta lambança / Furiosa indigestão, / Que pôz em risco de vida / O pobre do comilão. // Da medicina a caterva / Debalde sobre elle salta ; / Que teste, que cuide n’alma, / Já quem lhe lembra não falta. // « Pois sim, diz, adeos ó mundo ! / É forçoso que te deixe ! / Mas, para evitar remorsos... / Tragão-me o resto do peixe. » (p. 465-466; sublinhas nossas)

A ERG₁₀ é uma narrativa em forma de poema rimado que relata a refeição de um glutão, que “devora” um imenso pescado. A ingestão da comida teria provocado no sujeito uma grande indigestão, mas, apesar disso – ou, analisando a sequência, talvez até mesmo por causa disso –, o glutão resolve comer a última parte do peixe que não havia sido comida: a cabeça. Os verbos, substantivos e adjetivos com que a narrativa é contada são todos da ordem do excesso – “devorou”, “imenso pescado”, “abarrotado”, “bruta lambança”, “furiosa indigestão” –, tratando a figura do glutão como aquele que vai além do que o corpo pode aguentar, mesmo sob risco de vida. Esses sintagmas, quando colocados lado a lado, vão saturando a imagem de um glutão que peca pela gula, que “perdoa” apenas aquilo que não é comido(a): e aqui percebemos que essa sequência é também significada através da formação discursiva religiosa. O perdão, o pecado e a

3 Além desse sentido, podemos capturar outros para o significante “pimenta”: ela pode deslizar, no século XIX e até hoje, século XXI, inclusive para a profissional da prostituição ou da pornografia, de modo geral. São bastantes as materialidades linguísticas que aproximam os sentidos de “pimenta” aos de sexualidade: é o caso de sexy-shops que recebem em seus nomes-fantasia o significante “pimenta”, “pimentinha” etc., assim como títulos de filmes pornográficos. “Pimenta”, recorrendo à posição discursiva de adultos quando se referem a crianças, também pode nomear/predicar crianças que vão além daquilo que é suportável no imaginário de uma dada formação social. Pimenta, então, tanto pensada na comida quanto em outras discursividades, comparece como da ordem do *além*, do que *excede*, do que é *proibido*.

4 Falamos de ambivalência designativa no mesmo sentido com que trabalhamos o primeiro artigo da ERG (em que fígado humano e fígado animal são confundidos): não se trata de diferentes designações, mas de uma mesma designação para distintos referentes discursivos, com inscrições em distintas posições.



absolvição, comer a cabeça do peixe, comparecem no mesmo poema. O limite do glutão, na piada, é a cabeça do peixe, “perdoada” pelo “pobre” sujeito até o momento em que se vê prestes a morrer. E a cabeça de peixe é significada como não apreciada na prática de comida e alimentação brasileira, a despeito do que defendem muitos *chefs*.

A suposta gula é repetidamente significada na *ERG*, agora num artigo sobre jovens moças:

244. Os pastelinhos

*ERG*₃₍₂₄₄₎: Quatro moças, que se achavão de visita em uma casa, sendo servidas de pasteis de nata, comerão satisfatoriamente, e deixarão ficar no prato por envergonhadas quatro pastezinhos. § (...) neste interim apagar-se a luz, quatro mãozinhas encontrarão-se no prato ao mesmo tempo, de sorte que quando apareceu a véla acesa, o prato estava limpo, e as moças olhavam-se mutuamente embaraçadas, censurando umas as outras. § A dona da casa, querendo tira-las daquelle aperto, atrapalhou-se também, e disse: — Os quatro pasteis que Vms. comerão, fui eu que os comi às escuras. (p. 216-217, sublinhas minhas)

O excesso é novamente nessa sequência um *leitmotiv*: um sentido que se constitui por meio da seleção lexical. “Comerão satisfatoriamente”, “por envergonhadas”, “embaraçadas”, “censurando umas as outras”, “aperto” são todos itens que remetem à prática de uma alimentação limitada, satisfatória, cujo ultrapassar provoca vergonha, embaraço e censura até de quem a comete em segredo. Entretanto, esse discurso da prática proibida só faz sentido se pensarmos sobre o corpo feminino: “O humor, em seu mecanismo de funcionamento, opera quase sempre na base da violação de um ‘saber’, de uma crença, de certos preceitos” (FERREIRA, 1994, p. 139). O “saber” violado na piada é exatamente o de que os corpos femininos devem ser mantidos mais magros, evitando quaisquer excessos alimentares: e não são mulheres quaisquer. É um grupo de “moças”, donas de “quatro mãozinhas”, jovens frágeis, tratadas como *Vms.* e poupadas da culpa pela anfitriã que lhes acolhe. Há, além dessa posição de que a mulher deve preservar um corpo delgado, também uma outra: a de que as moças também apreciam boa comida — e na *ERG*₃ a boa comida são os pastéis de nata. Projeta-se a imagem de que essas regras alimentares são infringidas quando os sujeitos estão fora do alcance do olhar de outros.

Essa íntima discursivização entre comida, alimentação e mulher percorre a história, a literatura e as enciclopédias: está na memória europeia que perpassa os discursos no Brasil oitocentista. Embora os padrões de corpo feminino e de trabalho se alterem e deslizem nas formações discursivas que fornecem o sentido aos discursos sobre comida e alimentação, há regularidades, entre elas, que os corpos dos sujeitos mulheres são muito mais normatizados do que os dos sujeitos homens.

Outra categoria que comparece no material de riso sobre comida e alimentação é a dos subalternos: escravos, subalternos, pobres a quem a igreja fornece comida etc. Há dois artigos sobre caldos que associam diretamente a qualidade da comida à categoria social a que ela se destina. Ambos se relacionam a uma memória portuguesa para significar as práticas brasileiras:



202. Um bom caldo

ERG₂₍₂₀₂₎: Um Gascão entra em uma estalagem e diz: « Mandai cozer-me um ovo e do caldo fazei uma sôpa para o meu criado. — Diabo! respondeu-lhe o estalajadeiro, não ha de ser muito succulento o caldo de um ovo. — Oh! oh! replicou o Gascão, pois cozinhai dois, que eu os comerei de boamente! (p. 187-188; sublinhas nossas)

587. Um caldo fará quebrar o jejum?

ERG₁₁₍₅₈₇₎: Um clerigo, muito agarrado às fórmulas syllogisticas de argumentação, (...) tinha a mania de fazer distincções a êsmo; e a qualquer questão acudia logo — distingo. (...) N'uma tarde concordarão os da assembléa que (...) lhe proporião objecto que não admitisse distincções. Logo que apareceu, disse-lhe o prelado: « (...) Acaso fará um caldo quebrar o jejum ?... »

— Distingo, respondeu logo o clerigo — risada geral dos circumstantes — e elle sem se perturbar continuou: — se o caldo fôr de qualquer portaria de convento não fará perder o jejum; mas se fôr da cozinha de V. Ex., então affirmo que sim. » (p. 484-485; itálicos do original, sublinhas nossas)

Na ERG₂, ri-se da crueldade com que um criado é tratado por seu Gascão, bem como da avareza e do egoísmo do personagem. O “Mandai cozer-me um ovo e do caldo fazei uma sôpa para o meu criado” significa a sopa para o criado como algo ralo, nada nutritivo e sem sabor. No entanto, neste artigo não pretendemos abordar analiticamente como as sopas vão se significando no Brasil, o que desejamos fazer em trabalhos futuros. Devemos, sobretudo, pensar aqui no funcionamento de exagero do material de riso: “Falar das pequenas coisas como se fossem grandes é, de modo geral, exagerar. [...] o exagero, como a degradação, é apenas certa forma de determinada espécie de comicidade, porém mais enfática” (BERGSON, 1983, p. 60). A ERG₂ funciona tanto pelo exagero — o exagero da avareza, da ignorância, da crueldade, do egoísmo – quanto pela degradação – a degradação pela imagem do criado, que nem mesmo participa do diálogo, embora seja a parte mais interessada. Cabe ao estalajadeiro não o defender, mas identificar o caldo de um ovo como não comida, como não alimento, em nenhum sentido. Atenção que, em nenhum momento, no diálogo, há a preocupação com o criado. O que o estalajadeiro menciona é que “não ha de ser muito succulento o caldo de um ovo” (sublinhas nossas), e a resposta do Gascão é que se multiplique o número de ovos por dois, “que eu os comerei de boamente” (sublinhas nossas). Mais uma vez, não há a presença, no diálogo, do criado, embora o caldo/a sopa seja voltada a ele. Ele não comparece sintaticamente nem como sujeito nem como objeto das sentenças. Essa sequência nos pareceu, a início, a de maior crítica social e, portanto, de contraidentificação com as matrizes de sentido que significam a comida e a alimentação na ERG. Na análise, contudo, constatamos que ela ainda se inscreve nas mesmas FDs, uma vez que, apesar de se fazer graça da ignorância, crueldade etc. do Gascão, a figura do criado mal aparece em cena e não é o motivo de preocupação do estalajadeiro: a sopa o é.

As sopas e caldos são objetos discursivos importantes ao longo da discursivização da comida e da alimentação brasileira. Há normatização(ões) e sentidos em disputa em

relação àquilo que é ou não uma boa sopa e um bom caldo. A ERG₁₁ compartilha dessa regularidade: desde o título do artigo – “Um caldo fará quebrar o jejum?” –, já se põe em dúvida o estatuto alimentar de um caldo. Trata-se ele de comida, portanto, de algo que é capaz de quebrar um jejum, ou ele é tão débil que se assemelha a uma bebida, cuja pouca consistência possibilita que o jejum se mantenha? O jejum é importante para muitas religiões e até mesmo como resistência política: historicamente, ele tem sido usado como forma de sacrifício por alguma causa, seja ela de cunho explicitamente espiritual, seja de cunho mais marcadamente político. Essa prática está presente na formação social brasileira até hoje, e a dúvida relativa aos caldos no jejum ainda se mostra atualmente. Na ERG₁₁, a prática silogística de *distinguir* do clérigo alcança inclusive tal discursivização sobre os caldos. A justa medida de se um caldo seria ou não um rompedor do jejum estaria nas mãos de um clérigo, ainda que a resposta à dúvida pareça impossível de ser relativizada. Na resposta “se o caldo fôr de qualquer *portaria de convento não fará perder o jejum; mas se fôr da cozinha de V. Ex.*, então afirmo que sim” (itálicos nossos) dada pelo clérigo, observa-se uma posição discursiva que significa o religioso como o sujeito que tem a autoridade não só para julgar sobre o caráter dos sujeitos, mas também para julgar sobre o caráter da comida e, principalmente, dos caldos que alimentam esses sujeitos. Assim, ele é uma voz que legitima o que é saudável e o que não é saudável, o que é permitido e o que é proibido.

Observamos também que, apesar de o discurso sobre comida e alimentação da ERG narrar, em seus artigos, o consumo de alimentos que são tidos como proibidos – ora por serem considerados tabu (antropofagia, como vimos), ora como não direcionados a pelo menos um grupo de sujeitos (como as jovens mulheres, que não devem comer em excesso mesmo os alimentos de que gostam, tais quais os pasteizinhos), ora como subalimentos (como a cabeça de peixe) –, essa narrativa se inscreve numa normatividade da alimentação: diz-se do que se come para se dizer que isso não deve ser comido. É nesse aspecto que a ERG trabalha com humor: legitimam-se as práticas dominantes por meio do riso das práticas não dominantes.

Conclusões bem preliminares

Apesar da graça que se faz na ERG, não podemos dizer que o discurso jocoso sobre comida e alimentação nela apresentado é capaz de colocar em questão as bases, os sentidos dominantes produzidos naquele momento histórico. Embora faça circular sentidos e posições não dominantes sobre comida e alimentação, a ERG legitima os sentidos dominantes por um riso inscrito naquilo que deve ser sabido sobre esses objetos. Em outras palavras, ao expor e se apropriar do contraditório do sentido, as piadas do instrumento linguístico que estamos analisando privilegiam a dominância, não o dominado: as práticas alimentares indígenas são silenciadas, os sujeitos subalternos são mantidos como subalternos, poucos são os alimentos e comidas que se filiam a uma memória diferente da europeia – como no caso dos vinhos, que são significados como apreciáveis, contrariamente às aguardentes, das quais se fala na ordem do ilícito – etc. Uma posição europeia, de colonizador.



A *Encyclopedia do riso e da galhofa*, ao mesmo tempo que se distancia, em seu funcionamento, estrutura e imaginário, das enciclopédias ditas tradicionais – o que acaba a excluindo da historiografia sobre enciclopédias, conforme nossa hipótese –, ainda assim, impõe uma série de coisas a saber ao seu leitor. Seu objetivo, divertir e (i)(e)(n)formar, lhe custa o apagamento do discurso historiográfico.

Nossa análise da *ERG* se concentrou em 11 artigos, e neles identificamos alguns efeitos de sentido dominantes:

1. proibição/desrecomendação do consumo de determinadas comidas, por tabus, nojo, restrições nutricionais do momento histórico etc.
2. normatização do comportamento dos sujeitos e de seus corpos quanto à alimentação.
3. Subalternidade – o cozinheiro, o estalajadeiro, à daquele que se engana e tenta resolver o problema da comida (sua falta, principalmente) –, tratando o subalterno como o que faz malandragem para apoiar quem tem poder, quem está nas posições dominantes.
4. importância da fartura de comida e bebida: mas não qualquer comida e bebida; algumas são privilegiadas em detrimento doutras.

Todos esses efeitos marcam a constituição das formações discursivas sobre comida e alimentação no Brasil – inclusive a Formação Discursiva médica, entre outras –,⁵ num momento histórico em que ainda não estava em jogo o “brasileiro”, mas incidia um forte discurso europeu-português sobre a ex-colônia.

Referências

AUROUX, Sylvain. Língua e hiperlíngua. Trad.: Eduardo Guimarães. In: **Língua e Instrumentos Lingüísticos**, n. 1. Campinas: Pontes/Projeto HIL no Brasil, 1998.

_____. Listas de palavras, dicionários e enciclopédias. Trad.: Sheila Elias de Oliveira. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 20. Campinas: Pontes Editores / Unicamp, 2008.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**, 19: o discurso e suas análises. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Trad.: C.R.C. Pfeiffer, G.P. de Godoi, L.F. Dias, M.O. Payer, M. Zoppi-Fontana, P. de Souza, R. Morello, S. Lagazzi-Rodrigues. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. 2. ed. Trad.: Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

5 Na *ERG*, a primeira que analisamos da *Encyclopedia do riso e da galhofa*, produziam-se sentidos de que o fígado humano não devia ser comido, pois se trataria de antropofagia. Não podemos deixar de dizer que quem proíbe, na sequência, a prática de se alimentar do fígado humano é um médico! Considerar ou não uma comida, um prato, um ingrediente como passível de alimentar um humano não é uma posição natural, mas uma posição discursiva que requer um lugar de legitimidade para que os sentidos sobre o que é proibido se reproduzam.



DONEGÁ, Ana Laura. Folhinas e almanaque Laemmert: pequenos formatos e altas tiragens nas publicações da Tipografia Universal. In: **Anais do Seta**, v. 6. Campinas: Unicamp, 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco**. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas [1975]. Trad.: P. Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, v. 26. Santa Maria: UFSM, 2003.

MEDEIROS, Vanise. Discurso direto e discurso indireto: história e sentidos. **Cadernos do CNLF**, v. 8, n. 12, 2004.

_____. **Dizer a si através do outro (do heterogêneo no identitário brasileiro)**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2003.

OLIVEIRA, Deborah Cotta; SILVA, Catarina Capella. Leituras úteis: o jornal *Monitor Sul-Mineiro* e a difusão de saberes científicos na imprensa mineira (1872-1896). In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. Vitória, 2011.

ORLANDI, Eni. A língua brasileira. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. Vão surgindo sentidos. In: _____. (Org.). **Discurso fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006 [1983].

PECHINCHA, Panfuncio Semicupio. **Encyclopedia do riso e da galhofa em prosa e verso, repertório de anedotas joviaes, nacionaes e estrangeiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1873 [1863].

VALLADÃO, Alfredo. A primeira Encyclopedia Popular no Brasil. In: VALLADÃO, Alfredo. **Campanha da Princeza**, v. 3. São Paulo: Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", 1942.

Recebido em 25 de abril de 2015.

Aceito em 10 de janeiro de 2016.

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Doutor em Estudos de Linguagem. Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Linguística, Comunicação e Produção Editorial, e pesquisa principalmente os seguintes temas: análise do discurso, editoração, história do livro, história das ideias linguísticas e ensino de línguas. phellipemarcel@gmail.com